

MÍDIA E RACISMO EM DEBATE

Tânia Mara Pedroso Müller*

Paulo Pires Queiroz**

Nilma Lino Gomes***

A Revista da ABPN de número 4 surge respaldada em um dos princípios estratégicos adotados pela Associação Brasileira de Pesquisadores(as) Negros(as) que é a construção e a difusão do conhecimento apreendido na vida acadêmica. Tal trabalho constitui, para nós, a expressão de mais um caminho possível de ser trilhado por todos, na busca permanente do debate, da crítica e da produção do conhecimento.

Fomentar o debate visibilizando, publicizando e problematizando questões que ferem, constituem e impregnam o cotidiano da população negra é o que pretende este número da Revista. Acreditamos ser mais um veículo de publicização e debate de ideias e informações relevantes, traduzindo-se num verdadeiro mosaico de muitas vozes, refletindo com desenvoltura questões da contemporaneidade.

A intenção é permitir a expressão da diversidade de concepções, perspectivas e compreensões de pesquisadoras e pesquisadores dos seus diferentes campos de conhecimento, e para além de suas áreas.

Entendemos que os artigos aqui apresentados traçam um panorama do racismo na mídia, bem como evidenciam o fechamento e silenciamento ainda presentes em seu fazer histórico e diário.

Inaugura-se essa nova fase da Revista com um volume que aborda reflexões e investigações sobre **Mídia e Racismo**, apresentando doze artigos, um ensaio e três resenhas, que realçam os motivos e desafios do tema proposto para essa publicação.

Na linha historiográfica dois artigos se utilizam da mesma fonte de estudo – o Jornal *O Menelick* – para reflexões de suas teses.

Em *a Imprensa Negra no Início do Século XX: Uma Perspectiva Historiográfica*, Luciana Soares da Silva e Jarbas Vargas do Nascimento abordam a Imprensa Negra no início do século XX, destacando sua importância no contexto pós-abolição e sua relevância como documento linguístico

* Professora-doutora na Universidade Federal Fluminense (UFF).

** Professor-doutor na Universidade Federal Fluminense (UFF).

*** Professora-doutora na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

historiográfico na atualidade. Para tanto, os autores selecionaram um exemplar do jornal *O Menelick* e o analisaram a partir dos princípios teóricos da Historiografia Linguística. De acordo com a análise realizada, o jornal apresenta a escrita do início do século XX que, embora se aproxime das regras atuais, caracteriza-se por particularidades de uma língua portuguesa influenciada pela presença afro-indígena e as imigrações, sendo uma fonte de pesquisa linguística.

O artigo *Imagens de Negros(as) no Discurso da Imprensa Negra*, de Ariluci Goes Elliott e Mirian de Albuquerque Aquino, analisa as imagens de negros(as) evidenciadas no discurso da imprensa negra neste mesmo periódico *O Menelick*. As autoras julgam essa análise importante porque as imagens têm ocupado espaço na mídia impressa e falada e, ao analisá-la, é possível “diferir a carga valorativa que cada pessoa individualmente lhe atribua, ou que o objeto lhe provoque, mas objeto não é diferente por causa disso”.

No artigo *Rede Globo e Tv Brasil: Diferentes Discursos sobre O Dia Nacional Da Consciência Negra*, Ivonete da Silva Lopes e Sales Augusto dos Santos recuperam as legislações promulgadas nos diferentes municípios brasileiros sobre o estabelecimento do dia *20 de Novembro* como o *Dia Nacional da Consciência Negra*, e seu reconhecimento como parte do processo de democratização da sociedade brasileira, resultado da luta do Movimento Negro. Realizam uma análise comparativa entre a cobertura realizada pela Rede Globo de Televisão e a TV Brasil, evidenciando seus perfis ideológicos.

A análise de Deivison Moacir Cezar de Campos, ao escrever sobre *A Construção do 20 de Novembro nas Páginas da Imprensa*, discute o uso subversivo da imprensa como instância de legitimação de contradiscursos. Como principal espaço de visibilidade na sociedade contemporânea, o autor afirma que a imprensa exerce o papel de sustentar e reforçar os discursos hegemônicos. No entanto, a lógica mercantilista, em sua busca por novidades, abre espaços para outros discursos. Essa estratégia, na visão do autor, foi utilizada pelo Grupo Palmares, de Porto Alegre, para nacionalizar a proposta de 20 de Novembro como Dia da Consciência Negra.

Com um olhar apontado para outra direção, Vivian Jaqueline Lima Viana e Haroldo de Vasconcelos Bentes, escrevendo sobre *Mídia brasileira como Instrumento de Racismo e Interdição do Negro no Contexto das Ações afirmativas*, estudam a mídia escrita e sua influência na formação da opinião pública e na propagação do racismo. Para os autores, a mídia, enquanto veículo de informação de largo alcance, é um instrumento eficaz na formação da opinião pública e pode ser um mecanismo que deponha contra ou a favor de práticas racistas e preconceituosas contra negros e afrodescendentes, dependendo do discurso adotado por esse meio de comunicação de massa.

A reflexão trabalhada por Wellington Oliveira dos Santos em *Racismo Discursivo na Mídia: Análise a Partir dos Personagens Presentes nos Cadernos Dominicais de Jornais Impressos*, observa com minúcia formas discursivas atuantes no discurso midiático brasileiro que estabelecem hierarquias raciais entre brancos e negros. Utilizando dados de pesquisas com jornais impressos paranaenses, o autor analisa: a racialização dos negros, com o uso de estratégias discursivas que estabelecem os brancos como padrão de humanidade; e a sub-representação de negros em diversos contextos, o que provavelmente contribui para a manutenção das desigualdades sociais existentes entre brancos e negros.

Personagens Negros e Brancos nos Cadernos de Economia dos Jornais Paranaenses é o texto de Isabella Sacramento da Silva, no qual a autora apresenta análises quantitativas e qualitativas dos cadernos de economia de dois principais jornais do Estado do Paraná, tendo como foco as imagens que acompanham as matérias e publicidades nos anos de 2007 e 2008, concluindo que 90% têm o indivíduo branco como referência.

Escrevendo sobre *Racismo @ OnLine.Com.Br*, Marcelo Francisco de Assis e Cleyde Rodrigues Amorim analisam o racismo na cidade de Maringá, estado do Paraná, interpretando os discursos postados em três blogs de moradores da própria cidade. Visto que esse meio de informação é vinculado à cibercultura, os autores entendem sua produção como uma ação social. As postagens analisadas mostram a reprodução de uma retórica, cujo conteúdo é composto por elementos que remetem a um tipo de discurso conservador. O uso do termo raça é constantemente lembrado para distinguir os agentes sociais, assim como o mito da democracia racial é utilizado para negar que exista racismo no Brasil.

Chamando a atenção do leitor para o fato de que o *R.A.P. Ensina: As Possibilidades que Permeiam as Práticas do Movimento Hip Hop*, Adriana do Carmo de Jesus discorre a respeito dos processos educativos que permeiam as práticas do movimento Hip Hop, mais especificamente do rap. Neste sentido, a autora compreende o movimento Hip Hop na perspectiva de um movimento social produzido por jovens de periferia, em maioria afrodescendentes, que buscam o protagonismo social através das expressões artísticas da dança, artes visuais, discotecagem e, especialmente, através do gênero musical rap.

Em *Intérpretes de Rap: a Voz Negra que não quer calar*, Sigrid Gavazzi delineia o contrato comunicativo proposto por um documentário – FALA TU (2004), por meio das falas de seus três principais personagens (rappers na vida real), que passam a constituir, então, o *corpus* do seu trabalho. A autora examina, sob a égide semiolinguística, suas falas e as letras de suas músicas

apresentadas no filme. O suporte teórico desse artigo alicerça-se em diretrizes argumentativas por a autora considerar que o processo narrativo apenas impulsiona procedimentos argumentativos.

De forma bastante pertinente, Alberto Carlos de Souza escreve sobre *Milton Nascimento: Um Cantor do Mundo*, no qual, tendo como proposta de condução o conceito de lugares de memória, perfaz um estudo elaborado a partir de duas obras fonográficas de Milton Nascimento, “Minas” e “Geraes”, lançadas, respectivamente, nos anos de 1975 e 1976 e que foram consideradas pela crítica da época como a melhor tradução do “movimento” Clube da Esquina em suas propostas, representações culturais, musicalidade e poesia, como expressão da autonomia do grupo. Tais obras foram engendradas num contexto em que o Brasil vivia um momento de forte repressão política, circunstância na qual Milton Nascimento e seus parceiros percebem a hora de, em “Minas” cantar para dentro, em suas raízes mineiras e, em “Geraes” cantar para fora, ao incorporar à sua musicalidade elementos do jazz americano, latino-americanos e o rock progressivo europeu.

Ao escrever *Uma Fábrica de Sonhos e Ilusões: Um Estudo sobre a Mídia e o Racismo na Educação*, Edwilson da Silva Andrade identifica como os discursos conduzidos pela mídia impressa – em especial as histórias em quadrinhos/HQs – são assimilados pelas crianças e que efeitos produzem na sua construção identitária. O autor revela que, embora as narrativas quadrinizadas sejam utilizadas frequentemente em sala de aula como instrumentos de ação pedagógica, as mesmas são organismos perpetuadores de estereótipos e preconceitos raciais contra afrodescendentes. Percebe-se que a má utilização desses instrumentos em sala de aula pode repercutir de maneira negativa na construção identitária dos alunos.

No ensaio de André Ricardo, Juliana Cézar Nunes e Sionei Ricardo Leão, *O Jornalismo, O Mundo do Trabalho e a Liberdade de Imprensa – Com Justiça e Igualdade Racial*, reconstroe-se a trajetória dos profissionais negros no jornalismo brasileiro desde sua inauguração no Brasil. Pretendem chamar a atenção da Federação Nacional dos Jornalistas sobre suas responsabilidades e compromissos na busca da igualdade racial e a importância de seu posicionamento ante as demandas da população negra, e principalmente de seus filiados.

Para o deleite dos leitores, a resenha de Eumara Maciel dos Santos, *Fluxos e Refluxos: Notas sobre a Literatura Afrodescendente de Eduardo de Assis Duarte*, realiza um sobrevoo histórico – principalmente numa perspectiva literária – e descortina, no texto, o apagamento e o silenciamento de toda uma produção afro-brasileira que delata o mito da democracia racial. Este foi pregado por meio de discursos de igualdade de direitos e deveres, porém, esvaziados pelo desrespeito ao outro: a chamada alteridade negativa.

Resenhando *Poder da Mulher Africana no Níger no Filme de Med Hondo*, Rosivalda dos Santos Barreto relata que a trama nos mostra a capacidade de liderança feminina africana silenciada no processo civilizatório da humanidade e na sociedade moderna. Realça a busca pela manutenção da honra de um povo como objeto motivador da resistência, a valorização de nomes de personagens importantes, marcantes e dignos de permanecerem nas memórias das gerações futuras e um marcador para a manutenção da identidade do povoado, o que nos faz ver a incapacidade de os africanos se submeterem e a valorização da ancestralidade.

Isabelle Pinto Martins de Souza, na resenha *A Boa Escola no Discurso da Mídia*, pode apresentar sua leitura sobre o livro de Geraldo Sabino Ricardo Filho, no qual realizou uma análise minuciosa sobre os discursos subjacentes nas reportagens e artigos publicados na revista *Veja* no período de 1995 a 2001, destacando seu silêncio sobre as ações afirmativas.

Frente a tantos aspectos abordados em torno das interfaces Mídia e Racismo, o que mais se destaca neste número 4 da Revista da ABPN é a capacidade de produzir no leitor uma visão crítica, mas, ao mesmo tempo, repleta de otimismo. A cada artigo que acabamos de ler temos a sensação de que, se muito ainda precisa ser transformado neste campo, sem sombra nenhuma de dúvida, um longo percurso já foi percorrido.

Combinar a liberdade individual com o reconhecimento das diferenças culturais é uma questão que nos leva a uma reflexão sobre a educação que temos e a educação que queremos ter. Podem a escola e/ou a mídia ajudarem na luta contra o racismo ou qualquer outra forma de preconceito? Na sua missão de instrução, tanto a escola quanto a mídia podem participar do combate contra os preconceitos? Eis algumas questões postas.

Tais artigos permitiram não somente dar a conhecer as diversas produções desenvolvidas nas diferentes universidades brasileiras, mas também, através das bibliografias apresentadas, o universo de pesquisadores que se debruçam sobre a questão. Permitem visibilizar os distintos campos de estudos que investem em pesquisas sobre o tema, podendo servir, hoje, de referências para outras investigações, produzindo novas reflexões baseadas em teses da intelectualidade negra brasileira que vem se debruçando sobre a temática. Saudações.